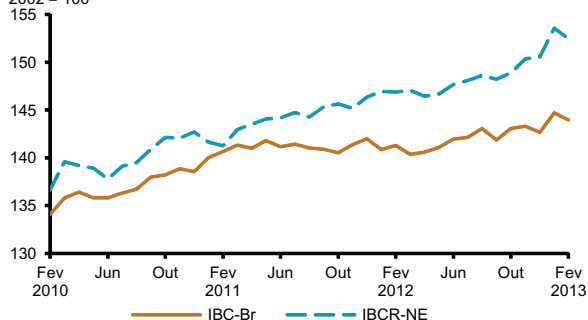


**Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Nordeste**

Dados dessazonalizados

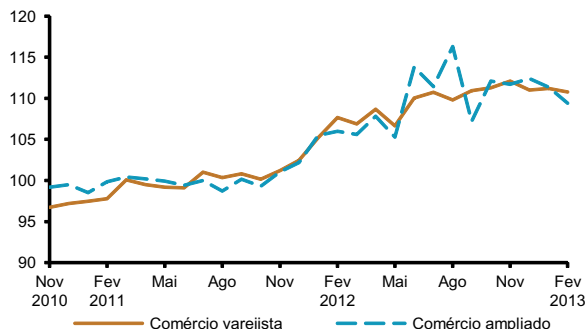
2002 = 100



**Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste**

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012 Ano	2013		
		Nov <sup>1/</sup>	Fev <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	9,3	1,1	-0,4	8,5
Combustíveis e lubrificantes	9,1	-3,4	-1,1	7,2
Híper e supermercados	7,4	1,8	-2,6	5,8
Móveis e eletrodomésticos	14,4	-0,8	1,6	12,6
Eq. e mat. p/esc., inf. e com.	15,9	1,1	-12,5	14,6
Comércio ampliado	9,8	-3,1	0,7	9,4
Automóveis e motocicletas	8,9	-15,7	3,6	9,1
Material de construção	10,9	0,5	1,4	11,7

Fonte: IBGE

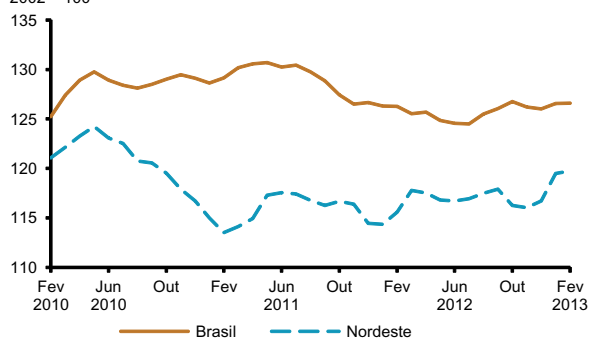
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia do Nordeste mostrou maior dinamismo que a média nacional em 2012, conforme evidenciam as taxas de crescimento anuais dos Produto Interno Bruto (PIB) do Ceará, 3,7%, da Bahia, 3,1%, e de Pernambuco, 2,3%. No último trimestre do ano, a atividade econômica desses estados manteve-se em expansão, respectivamente de 1%, 1,5%, e 0,3%, em relação ao trimestre anterior, segundo dados dessazonalizados. Na margem, o IBCR-NE aponta aceleração da atividade, com alta de 2,1% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao trimestre finalizado em novembro de 2012, quando havia aumentado 0,7% na mesma base de comparação.

As vendas do comércio varejista no Nordeste recuaram 0,4% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando haviam aumentado 1,1%, no mesmo tipo de avaliação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, divulgada pelo IBGE. Dentre os setores, destacaram-se as reduções das vendas em hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 2,6%, e de combustíveis e lubrificantes, 1,1%, segmentos impactados pelos recentes aumentos de preços. Considerando o comércio ampliado, que incorpora as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, a atividade aumentou 0,7% no trimestre, refletindo expansões de 3,6% e 1,4% no comércio desses componentes, na ordem.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista cresceu 8,5% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante 9,2% em novembro. Destacaram-se a expansão das vendas nos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 20,7%, e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 14,6%. As vendas de material de construção e de veículos, motos, partes e peças aumentaram, respectivamente, 11,7% e 9,1%, e contribuíram para que o comércio ampliado crescesse 9,4% no período.

**Gráfico 2.3 – Produção industrial – Nordeste**  
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste**  
Geral e setores selecionados

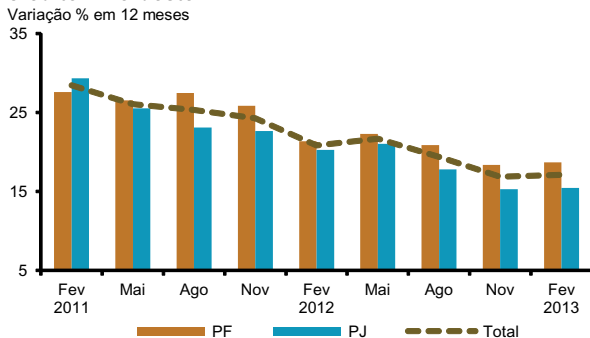
Setores	Variação % no período			
	Pesos <sup>1/</sup> 2012	2013		
		Nov <sup>2/</sup>	Fev <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	-1,2	3,2	0,6
Indústria extrativa	5,4	0,3	2,0	-0,5
Indústria de transformação	94,6	-1,7	4,0	0,7
Alimentação e bebidas	32,3	-4,9	-1,1	-2,2
Produtos químicos	18,9	-3,1	3,9	2,5
Refino de petróleo e álcool	13,9	-4,2	6,0	4,6
Metalurgia básica	7,3	15,7	1,3	-4,3

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste<sup>1/</sup>**  
Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

**Tabela 2.3 – Necessidades de financiamento – Região Nordeste<sup>1/</sup>**

	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2011	2012	2011	2012
	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez
Total	-4 397	-2 971	2 878	5 265
Governos estaduais	-3 201	-3 362	2 609	4 942
Capitais	-838	375	116	168
Demais municípios	-357	17	152	155

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

A produção industrial nordestina cresceu 3,2% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao encerrado em novembro de 2012, quando recuara 1,2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE. Houve, no trimestre, aumentos em oito das onze atividades pesquisadas, com destaque para os setores vestuário e acessórios, 6,6%, refino de petróleo e álcool, 6%, e produtos químicos, 3,9%.

A análise em doze meses revela que a produção industrial da região aumentou 0,6% em fevereiro, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante 0,9% em novembro de 2012, registrando-se retração na indústria extrativa, 0,5%, e crescimento na de transformação, 0,7%.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$303 bilhões em fevereiro, com elevações de 3,3% no trimestre e de 17,1% nos últimos doze meses. O total contratado no segmento de pessoas jurídicas somou R\$145 bilhões, expandindo-se 2,9% e 15,4% respectivamente, nas mesmas bases de comparação, com ênfase no crédito destinado às atividades de comércio atacadista, construção e transmissão e distribuição de energia elétrica. Os créditos às pessoas físicas totalizaram R\$158 bilhões, alta de 3,7% no trimestre e de 18,7% em doze meses, com destaque para as modalidades de crédito consignado, financiamento a veículos e empréstimos habitacionais.

A inadimplência atingiu 4% no trimestre encerrado em novembro, elevando-se 0,04 p.p. em relação à verificada em novembro e reduzindo-se 0,17 p.p. em doze meses.

Segundo dados do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), os desembolsos do Sistema BNDES – BNDES, Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – somaram R\$37,2 bilhões no primeiro trimestre de 2013, aumento de 51,8% em relação ao despendido em igual período de 2012. Desse montante, os recursos destinados a inversões na região Nordeste alcançaram R\$4,9 bilhões, incremento de 76,4% relativamente ao ano anterior. Ressalte-se o significativo aumento das liberações direcionadas para a região nos últimos meses, com importantes impactos esperados para esses investimentos. Nos últimos doze meses, as inversões cresceram 18,8% após incremento de 12,2% nos desembolsos de 2012.

**Tabela 2.4 – Dívida líquida – Região Nordeste<sup>1/</sup>**

Composição

Região Nordeste	R\$ milhões		
	2010	2011	2012
	Dez	Dez	Dez
Dívida bancária	8 262	10 309	12 427
Renegociação <sup>2/</sup>	25 303	23 313	23 000
Dívida externa	4 159	5 080	8 715
Outras dívidas junto à União	169	101	62
Dívida reestruturada	781	805	817
Disponibilidades líquidas	-7 051	-6 759	-7 497
<b>Total (A)</b>	<b>31 624</b>	<b>32 848</b>	<b>37 524</b>
<b>Brasil<sup>3/</sup> (B)</b>	<b>471 992</b>	<b>491 433</b>	<b>541 717</b>
<b>(A/B) (%)</b>	<b>6,7</b>	<b>6,7</b>	<b>6,9</b>

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

**Tabela 2.5 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Nordeste<sup>1/</sup>**

	R\$ milhões					
	Dívida 2011	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup> 2012	
		2011	Nominal	Outros <sup>4/</sup>		
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>	Dez	
Total	32 848	-2 971	5 265	2 294	2 382	37 524
Governos estaduais	32 176	-3 362	4 942	1 581	2 331	36 088
Capitais	183	375	168	542	77	803
Demais municípios	489	17	155	171	-27	633

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

**Tabela 2.6 – Produção agrícola – Nordeste**

Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas			
	Pesos <sup>1/</sup> (%)	Produção <sup>2/</sup>		Var. % 2013/2012
		2012	2013	
Produção de grãos		11 885	13 655	14,9
Soja	15,08	6 096	5 374	-11,8
Milho	8,42	3 901	5 770	47,9
Caroço de algodão (herbáceo)	8,15	855	696	-18,5
Feijão	5,01	258	780	202,3
Outras lavouras selecionadas				
Cana-de-açúcar	17,56	68 137	71 235	4,5
Mandioca	5,54	5 976	6 990	17,0
Banana	5,43	2 428	2 821	16,2

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

Os governos estaduais, das capitais e dos principais municípios do Nordeste registraram *superavit* primário de R\$3 bilhões em 2012, implicando redução de 32,4% em relação ao ano anterior. Favorecido pelo crescimento de 4,2% na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), o *superavit* dos governos estaduais aumentou 5% enquanto os resultados positivos das capitais e dos demais municípios se reverteram em *deficits* de, R\$375 milhões e R\$17 milhões, respectivamente.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$5,3 bilhões em 2012, ampliando-se 83% em relação ao ano anterior, com ênfase nos aumentos nas esferas dos governos estaduais, 89,4%, e das capitais, 44,3%.

O resultado nominal registrou *deficit* de R\$2,3 bilhões em 2012, ante *superavit* de R\$1,5 bilhão no ano anterior, desempenho resultante das reversões do *superavit* para *deficit*, no âmbito dos governos estaduais, de R\$0,6 bilhão para R\$1,6 bilhão, das capitais, de R\$0,7 bilhão para R\$0,5 bilhão, e dos demais municípios, de R\$205 milhões para R\$171 milhões.

A dívida líquida dos estados, das capitais e dos principais municípios do Nordeste atingiu R\$37,5 bilhões em dezembro de 2012, representando crescimento de 14,2% no ano. As dívidas renegociadas/reestruturadas pela União representaram 63,5% do endividamento líquido em 2012, a dívida bancária, 33,1%, e a externa 23,2%, registrando-se, ainda, incremento de 19,8% das disponibilidades.

De acordo com o LSPA de março, divulgado pelo IBGE, a produção de grãos da região Nordeste deverá alcançar 13,7 milhões de toneladas em 2013, significando incremento de 14,9% em relação ao obtido no ano anterior. A participação do Nordeste na safra de grãos do país deverá atingir 7,5%, refletindo a perspectiva de recuperação na produção de feijão, com expansão estimada de 202,3%, bem como o crescimento de 47,9% na produção de milho. Em sentido contrário, influenciada pela seca que atinge os estados produtores, estima-se recuo de 11,8% na produção de soja. Para o caroço de algodão, prevê-se decréscimo de 18,5%. Em relação a outras culturas, ressaltam-se os aumentos previstos na produção das lavouras da cana-de-açúcar, 4,5%, banana, 16,2%, e mandioca, 17%.

A balança comercial da região Nordeste foi deficitária em US\$4,3 bilhões nos três primeiros meses de 2013, ante o *deficit* de US\$1,4 bilhão em igual período do ano anterior, segundo dados do MDIC. Esse desempenho

refletiu a elevação de 24,7% nas importações e o recuo de 26,6% nas exportações, que somaram, na ordem, US\$7,8 bilhões e US\$3,6 bilhões no período.

**Tabela 2.7 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	4 847	3 560	-26,6	-7,7
Básicos	708	421	-40,6	-8,4
Industrializados	4 139	3 139	-24,1	-7,1
Semimanufaturados	1 475	1 413	-4,2	-3,4
Manufaturados <sup>1/</sup>	2 664	1 727	-35,2	-8,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A retração nas vendas externas da região refletiu reduções nos preços, 5,2%, e no *quantum* exportado, 22,5%, disseminadas em todas as categorias de fator agregado, com destaque para a redução nos embarques de óleos combustíveis, 66,6%; de bens manufaturados, 35,2%, impactados pela elevada base no primeiro trimestre de 2012 que registrara vendas de plataformas de perfuração e exploração; e de produtos básicos, 40,6%, refletindo as quedas nas exportações de minérios de ferro e seus concentrados, 95,7%, soja mesmo triturada, 52,9%, e castanha de caju, 37,5%. As vendas do Nordeste ao mercado externo tiveram como principais destinos os EUA, China, Argentina, Holanda, Canadá e México, responsáveis, em conjunto, por 49% das exportações da região realizadas em 2013.

**Tabela 2.8 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	6 292	7 843	24,7	6,3
Bens de capital	706	901	27,6	5,3
Matérias-primas	2 539	2 718	7,0	3,9
Bens de consumo	645	535	-17,1	-5,1
Duráveis	472	337	-28,6	-14,0
Não duráveis	173	198	14,2	5,9
Combustíveis e lubrificantes	2 402	3 690	53,6	29,2

Fonte: MDIC/Secex

O crescimento das importações traduziu variações de -2,3% nos preços e de 27,5% nas quantidades. As aquisições de combustíveis e lubrificantes avançaram 53,6%, com aumentos de 71,8% em óleo diesel e de 49,1% em outras gasolinas, enquanto as de bens de capital cresceram 27,6%, especialmente devido a compras de eletrogeradores, que passaram de US\$138,4 mil no primeiro trimestre de 2012 para US\$157,2 milhões em 2013. As compras de bens intermediários tiveram incremento de 7%. Os principais países de origem das importações do Nordeste, no primeiro trimestre do ano, foram EUA, Argentina, China, Índia e Holanda, com participações acumulada de 56,3% do total das aquisições externas da região.

**Tabela 2.9 – Evolução do emprego formal – Nordeste**

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2012				2013
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	-44,9	-28,7	73,2	102,1	-95,8
Indústria de transformação	-31,2	-59,0	24,3	50,4	-41,7
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,1	-0,5	-2,1	0,6
Construção civil	-7,3	6,8	5,1	-0,2	-14,1
Comércio	-3,1	4,9	6,6	36,2	-11,1
Serviços	17,8	20,5	18,9	21,1	-6,3
Agropecuária	-21,2	-2,9	18,1	-2,9	-22,3
Outros <sup>2/</sup>	0,0	0,9	0,8	-0,5	-0,8

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

O mercado de trabalho nordestino eliminou 95,8 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, ante diminuição de 44,9 mil em igual período do ano anterior, de acordo com os dados do Caged/MTE. Essa trajetória refletiu, em especial, o menor dinamismo dos setores serviços e indústria de transformação, responsáveis, em conjunto, pela eliminação de 48 mil postos, ante 13,4 mil no trimestre finalizado em fevereiro de 2012.

Considerados dados dessazonalizados, o nível do emprego formal da região cresceu 0,2% no período, em relação ao trimestre terminado em novembro de 2012. Nessa base de comparação, registraram-se aumentos em quatro das oito atividades pesquisadas, com ênfase nos assinalados no comércio e na atividade extrativa mineral, ambos com 0,5%.

A taxa de desemprego da região Nordeste, segundo dados do IBGE, considerando as regiões metropolitanas de Recife (RMR) e de Salvador (RMS), atingiu 6,1% no trimestre terminado em fevereiro de 2013. A redução de 0,5 p.p. ante igual período de 2012 refletiu a expansão de 2% na População Economicamente Ativa (PEA) e de 2,6% na população ocupada. Nos últimos 12 meses, o rendimento real médio habitual e a massa salarial real cresceram, respectivamente, 2,7% e 6,2%, no período. Considerando dados dessazonalizados, a taxa média de desemprego no Nordeste atingiu 6,7% no trimestre até fevereiro, ante 6,5% no trimestre anterior.

Na região Nordeste, a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) situou-se em 2,19% no trimestre encerrado em março, ante 2,36% no último trimestre de 2012, reflexo de aceleração, de 2,66% para 3,02%, nos preços livres, e desaceleração, de 1,28% para -0,78%, nos preços monitorados. O desempenho dos preços livres refletiu a menor variação nos preços dos bens comercializáveis, de 2,67% para 1,51%, e o aumento de 2,63% para 4,64%, na variação dos preços de não comercializáveis, pressionados, sobretudo, por altas em educação, 6,19%, hortaliças e verduras, 29,32%, e tubérculos, raízes e legumes, 51,59%.

O desempenho dos preços monitorados esteve associado, fundamentalmente, às reduções nos custos da energia elétrica residencial em Recife, 17,47%, Fortaleza, 17,97%, e Salvador, 18,78%. O índice médio de difusão do IPCA manteve-se praticamente estável, situando-se em 63,6% no trimestre encerrado em março, ante 63,5% naquele finalizado em dezembro de 2012.

A economia nordestina tende a seguir mostrando maior dinamismo que o observado em âmbito nacional ao longo de 2013. Em parte, isso reflete a estrutura produtiva região, mais direcionada ao mercado doméstico. Nesse sentido, os programas sociais de transferência de renda, a expansão da massa salarial, os investimentos públicos e privados, o crescimento moderado do crédito e, em particular, a recuperação da safra agrícola com preços mais competitivos devem contribuir positivamente para a evolução da atividade econômica da região.

**Tabela 2.10 – IPCA – Nordeste**

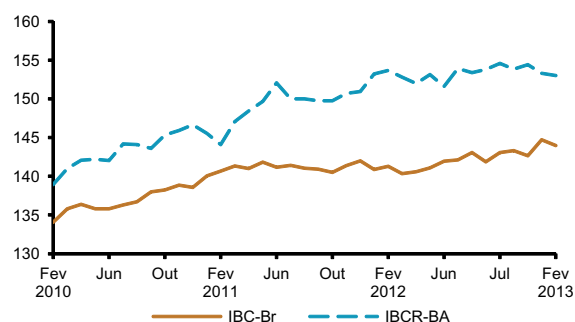
Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %		
		2012	2013	
		Ano	I Tri	12 meses
IPCA	100,0	6,50	2,19	7,47
Livres	78,6	7,17	3,02	8,97
Comercializáveis	40,1	4,54	1,51	6,61
Não comercializáveis	38,5	10,08	4,64	11,49
Monitorados	21,4	4,20	-0,78	2,25
Principais itens				
Alimentação	28,2	11,98	5,69	17,15
Habitação	13,3	6,41	-2,12	2,08
Artigos de residência	4,8	-0,45	1,52	1,43
Vestuário	7,5	3,67	-0,20	4,66
Transportes	18,0	1,97	1,58	2,72
Saúde	10,7	5,43	1,54	5,59
Despesas pessoais	8,7	10,02	1,74	8,86
Educação	4,4	8,20	6,19	7,51
Comunicação	4,2	1,18	-0,10	1,44

Fonte: IBGE

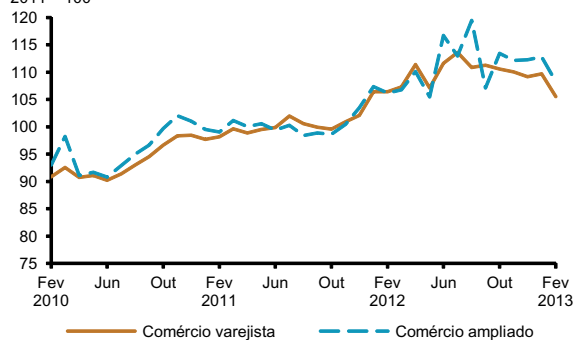
1/Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

## Bahia

**Gráfico 2.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Bahia**  
Dados dessazonalizados  
2002 = 100



**Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia**  
Dados dessazonalizados  
2011 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.11 – Comércio varejista – Bahia**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012		2013	
	Ago <sup>1/</sup>	Nov <sup>1/</sup>	Fev <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	3,2	-1,3	-2,3	8,4
Combustíveis e lubrificantes	-2,4	-9,8	-6,7	2,3
Hiper, supermercados	-0,6	4,9	-2,2	5,3
Tecidos, vestuário e calçados	4,9	1,9	0,3	12,0
Móveis e eletrodomésticos	4,2	-2,3	2,1	9,5
Comércio ampliado	8,3	-4,7	0,2	10,4
Automóveis e motocicletas	23,7	-14,6	7,1	16,0
Material de construção	0,5	0,5	0,8	7,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

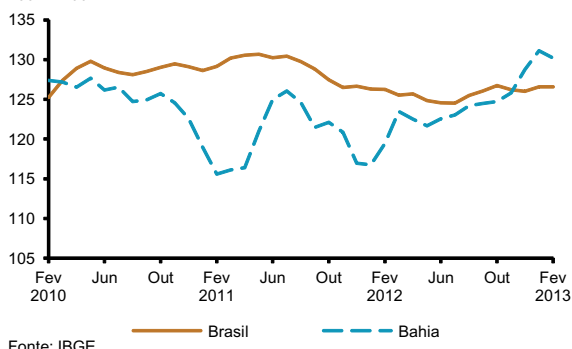
O PIB da Bahia cresceu 3,1% em 2012, de acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), resultado de expansões no setor de serviços, 4,2%, e no setor industrial, 3,8%, impulsionado pelos aumentos na atividade da construção civil e indústria de transformação, de 5,4% e 3,9%, respectivamente. A produção agropecuária, afetada pela seca, recuou 9,0% no ano, destacando-se as reduções na produção de feijão, 44,4%, mandioca, 23%, e algodão, 20,1%. Na margem, o IBCR-BA recuou 0,3% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, período em que havia aumentado 0,7%, na mesma base de comparação. Considerados intervalos de doze meses, o IBCR-BA variou 1,9% em fevereiro, ante expansão de 3% em novembro.

As vendas do comércio varejista na Bahia recuaram 2,3% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao terminado em novembro, quando haviam decrescido 1,3%, na mesma base de comparação, conforme dados dessazonalizados da PMC do IBGE. As maiores quedas foram registradas nos segmentos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 22,7%, livros, jornais, revistas e papelaria, 12,4%, e combustíveis e lubrificantes, 6,7%. As vendas relativas a hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, componente de maior peso entre os pesquisados, recuaram, 2,2%, enquanto as relativas a móveis e eletrodomésticos aumentaram 2,1%. Após haver retraído 4,7% em novembro, as vendas do comércio ampliado cresceram 0,2% em fevereiro, com expansão de 7,1% em automóveis e motocicletas e de 0,8% em material de construção.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas no varejo cresceram 8,4% em fevereiro, em relação a igual período de 2012, ante 9,6% em novembro, destacando-se os aumentos nos segmentos equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 31,1%, outros artigos de uso pessoal e doméstico, 26,8%, e tecidos, vestuário e calçados, 12%. Incorporando a comercialização de veículos, motos, partes e peças e as vendas de material de construção, com elevações respectivas de 16% e 7,4%, o comércio ampliado acumulou expansão de 10,4% no período.

A produção industrial da Bahia elevou-se 3,5% no trimestre encerrado em fevereiro em relação ao finalizado em novembro, quando havia aumentado 1,3%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve crescimento em seis das nove

**Gráfico 2.7 – Produção industrial – Bahia**  
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.12 – Produção industrial – Bahia**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2012	2013	Acumulado
		Nov <sup>2/</sup>	Fev <sup>2/</sup>	em 12 meses
Indústria geral	100,0	1,3	3,5	2,7
Indústria extrativa	4,6	1,0	0,0	0,9
Indústria de transformação	95,4	1,5	3,6	2,8
Produtos químicos	31,0	-3,5	3,7	3,0
Ref. petróleo e prod. álcool	21,5	-1,0	7,2	6,8
Alimentos e bebidas	16,6	1,2	-6,2	-2,4
Celulose e papel	10,7	2,6	-3,1	5,6
Metalurgia básica	7,8	78,3	3,2	-8,8

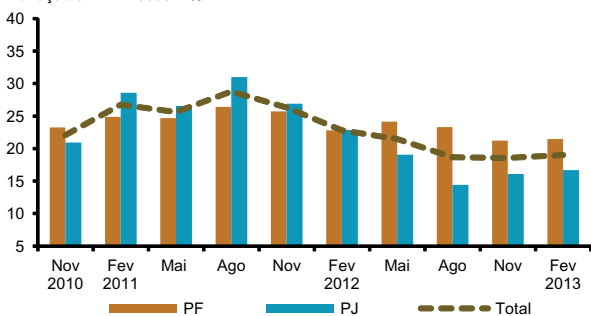
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 2.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

atividades pesquisadas, ressaltando-se as relativas a veículos automotores, 23,9%, borracha e plástico, 12,8%, refino de petróleo e produção de álcool, 7,2%, e produtos químicos, 3,7%. Em oposição, destacou-se a retração de 6,2% no segmento alimentos e bebidas, decorrente do declínio na produção de refrigerantes, cervejas e chope e de derivados de soja.

Considerados períodos de doze meses, a indústria baiana avançou 2,7% em fevereiro na comparação com igual período de 2012, ante o recuo de 1,9% da média nacional, destacando-se os aumentos nos segmentos de borracha e plástico, 13,7%, de veículos automotores, 9,5%, de refino de petróleo e produção de álcool, 6,8% e a contração de 8,8% na metalurgia básica.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), elaborado pela SEI, atingiu 49,1 pontos em fevereiro, ante 103,1 pontos em novembro, permanecendo na zona definida como de otimismo moderado (o indicador varia de -1000 a 1000, com o zero como ponto de indiferença). O recuo trimestral refletiu a queda das expectativas dos empresários do setor de serviços e comércio, de 76 pontos, e da indústria de 37,8 pontos, e a melhora da confiança na agropecuária, com alta de 59 pontos em relação a novembro.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas na Bahia totalizou R\$86,2 bilhões em fevereiro, crescendo 3,9% no trimestre e 19% em doze meses. O estoque de crédito relativo ao segmento de pessoas físicas atingiu R\$42,9 bilhões, aumentando 4,2% e 21,5%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, com concentração dos recursos nas modalidades empréstimo consignado, financiamentos habitacionais e aquisição de automóveis. No segmento de pessoas jurídicas, o saldo das operações alcançou R\$43,3 bilhões, com variações de 3,5% no trimestre e de 16,7% em doze meses, destacando-se as contratações de crédito nos segmentos químico, papel e papelão e construção.

A taxa de inadimplência das operações de crédito no estado situou-se em 4,24% em fevereiro, aumento trimestral de 0,10 p.p., resultado de elevação de 0,34 p.p. no segmento de pessoas jurídicas e da redução de 0,16 p.p. no relativo a pessoas físicas, cujas taxas situaram-se, na ordem, em 3,05% e 5,43%.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios da Bahia apresentaram *superavit* primário de R\$1,9 bilhão em 2012, incremento de 74% em relação

**Tabela 2.13 – Necessidades de financiamento – Bahia<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2011	2012	2011	2012
	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez
Estado da Bahia	-1 070	-1 861	1 110	1 224
Governo estadual	-629	-1 931	863	962
Capital	-455	39	134	153
Demais municípios	14	31	113	109

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios.  
Dados preliminares.

**Tabela 2.14 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Bahia<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida <sup>2/</sup>
		2011	Nominal		Outros <sup>4/</sup>	
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>	Dez	
Estado da Bahia	10 498	-1 861	1 224	-637	1 379	11 239
Governo estadual	8 828	-1 931	962	-969	1 319	9 179
Capital	830	39	153	192	86	1 108
Demais municípios	839	31	109	140	-27	952

1/ Inclui informações do Estado e de seus principais municípios.

Dados preliminares

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

**Tabela 2.15 – Produção agrícola – Bahia**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas			Variação %
		Produção		2013/2012	
		2012	2013 <sup>2/</sup>		
Grãos					
Soja	18,5	3 213	2 645	-17,7	
Algodão herbáceo	16,4	1 256	1 039	-17,3	
Milho	6,3	1 883	2 190	16,3	
Feijão	2,6	107	176	65,4	
Outros grãos <sup>3/</sup>	1,3	85	62	-26,6	
Outras lavouras					
Cacau	6,4	159	146	-8,3	
Banana	6,1	1 081	1 152	6,6	
Café	6,5	143	147	2,8	
Mandioca	4,0	2 202	2 370	7,6	
Cana-de-açúcar	3,5	6 894	6 806	-1,3	

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Segundo o LSPA de março de 2013.

3/ Amendoim, arroz, mamona e sorgo.

ao assinalado no ano anterior, com ênfase na elevação do *superavit* do governo estadual, 207,1%. O governo da capital reverteu *superavit* de R\$455 milhões de 2011 em *deficit* de R\$39 milhões, enquanto os demais municípios ampliaram o *deficit* em 118,5%.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$1,2 bilhão em 2012, aumento de 10,2% no ano, refletindo, fundamentalmente, a elevação da variação do IGP-DI, principal indexador dos passivos estaduais. Apesar da alta dos juros nominais, o resultado nominal registrou *superavit* de R\$637,3 milhões, ante *deficit* de R\$60 milhões em 2011.

A dívida líquida do estado e dos seus principais municípios aumentou 7,1% em 2012, atingindo R\$11,2 bilhões, com aumentos de 33,5%, 13,5% e 4% nos estoques dos governos da capital, dos demais municípios e do governo estadual.

A safra de grãos da Bahia deverá totalizar 6,1 milhões de toneladas em 2013, de acordo com o LSPA de março, do IBGE. A estimativa representa queda de 6,6% frente à safra de 2012, refletindo condições climáticas adversas. Dentre as principais lavouras, destaque-se a queda prevista na produção de soja, 17,7% e de algodão, 17,3%, contrastando com o aumento estimado para as safras de feijão, 65,4%, e milho, 16,3%. Assinale-se a expectativa de redução de 29,7% da área plantada do algodão, influenciada pelo avanço de culturas que se mostraram mais rentáveis nas últimas safras, além da incidência de praga que desestimulou o plantio. Em relação às demais lavouras, ressaltem-se as elevações estimadas para a produção de mandioca, 7,6%, e banana, 6,6%, contrastando com os recuos projetados para as culturas de cacau, 8,3%, e de cana-de-açúcar, 1,3%.

A balança comercial da Bahia registrou *superavit* de US\$186 milhões no primeiro trimestre do ano. A redução de 68,3% em relação a igual intervalo de 2012 refletiu reduções de 20,7% nas exportações e de 6,5% nas importações, que somaram US\$2,0 bilhões e US\$1,8 bilhão, respectivamente.

O desempenho das exportações decorreu de acréscimo de 0,3% nos preços e declínio de 20,9% no *quantum*, reflexo da redução das demandas internacionais, em função das incertezas da economia mundial. Ressaltem-se a redução de 30,7% nos embarques de produtos básicos, com destaque para algodão em bruto, que representou 25,2% da pauta e teve os embarques diminuídos em 48%, e a queda



**Tabela 2.16 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	2 556	2 028	-20,7	-7,7
Básicos	345	239	-30,7	-8,4
Industrializados	2 211	1 789	-19,1	-6,9
Semimanufaturados	681	713	4,8	-3,4
Manufaturados <sup>1/</sup>	1 530	1 076	-29,7	-8,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 2.17 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	1 969	1 842	-6,5	6,3
Bens de capital	262	314	19,7	5,3
Matérias-primas	1 288	1 246	-3,3	3,9
Bens de consumo	385	244	-36,6	-5,1
Duráveis	356	215	-39,5	-14,0
Não duráveis	30	29	-2,7	5,9
Combustíveis e lubrificantes	34	38	12,3	29,2

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 2.18 – Evolução do emprego formal – Bahia**

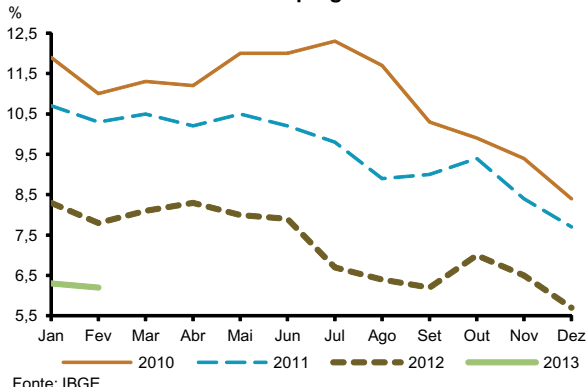
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2012				2013
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	-9,8	13,2	2,9	4,3	-18,0
Indústria de transformação	-4,2	1,8	1,7	-3,6	-6,3
Comércio	-1,5	-0,2	1,4	7,2	-2,3
Serviços	3,5	2,5	2,9	4,2	-0,7
Construção civil	-5,3	3,6	-0,8	1,8	-3,4
Agropecuária	-2,3	5,4	-2,1	-4,9	-4,7
Serviços industriais de utilidade pública	-0,1	-0,4	-0,0	-0,5	0,0
Outros <sup>2/</sup>	0,2	0,4	-0,1	0,1	-0,6

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

**Gráfico 2.9 – Taxa de desemprego aberto – RMS**

Fonte: IBGE

de 29,7% nas vendas de produtos manufaturados, refletindo a redução de 68% nos embarques de óleos combustíveis, principal item da cesta. Em sentido oposto, as vendas de produtos semimanufaturados avançaram 4,8% no período, com ênfase no aumento de 122% para as vendas de catodos de cobre. EUA, China e Argentina adquiriram, em conjunto, 41,4% das exportações do estado no trimestre.

A trajetória das importações refletiu os recuos de 1,6% nos preços e de 5% nas quantidades, com aumento de 19,7% nas compras de bens de capital e de 12,3% nos combustíveis e lubrificantes. Em contraste, as aquisições de bens de consumo e de bens intermediários, que em conjunto responderam por 80,9% da pauta do trimestre, recuaram 36,6% e 3,3%, na ordem. Assinale-se a queda de 47,6% nas aquisições de automóveis de passageiros, item que respondeu por 64% do volume de bens de consumo no período. Chile, Argentina e Argélia foram os mercados de origem de 44,4% das aquisições baianas.

Segundo estatísticas do Caged/MTE, a economia do estado eliminou 18 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, ante diminuição de 9,8 mil postos em igual período do ano anterior. Esse comportamento refletiu a redução de empregos em todos os setores, com destaque para a indústria de transformação, 6,3 mil, seguida da agropecuária, 4,7 mil, e da construção civil, 3,4 mil.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado apresentou relativa estabilidade no trimestre encerrado em fevereiro em relação ao terminado em novembro, com variação de 0,1%.

De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do IBGE, a taxa média de desemprego na RMS atingiu 6,1% no trimestre terminado em fevereiro, menor nível da série iniciada em 2002, assinalando-se que o recuo de 1,9 p.p. em relação a igual intervalo de 2012 resultou dos aumentos de 3,6% na população ocupada e de 1,5% na PEA. Na margem, considerando dados dessazonalizados, o desemprego recuou 0,4 p.p. em fevereiro em relação a novembro, para 5,8%. Os rendimentos médios habituais reais reduziram 0,4% no trimestre e 8,4% em relação ao mesmo período de 2012.

O IPCA variou 2,04% no primeiro trimestre do ano, ante 2,31% no último de 2012, resultado da aceleração dos preços livres, cuja variação passou de 2,38% para 3,12%, e da redução dos preços monitorados, de 2,03% para -1,54%, influenciados, em especial, pela redução

**Tabela 2.19 – IPCA – Salvador**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %		
		2012	2013	
		Ano	I Tri	12 meses
IPCA	100,00	6,21	2,04	7,27
Livres	77,94	6,48	3,12	8,53
Comercializáveis	37,29	3,60	1,55	6,09
Não comercializáveis	40,65	9,33	4,60	10,85
Monitorados	22,06	5,26	-1,54	3,07
Principais itens				
Alimentação	27,36	11,50	5,74	16,98
Habitação	13,61	7,57	-2,95	2,27
Artigos de residência	4,66	0,18	0,95	1,24
Vestuário	7,29	4,01	1,39	6,42
Transportes	20,37	2,37	0,91	3,27
Saúde	9,99	5,17	1,40	4,91
Despesas pessoais	8,04	6,96	2,08	6,29
Educação	4,25	6,72	7,25	8,44
Comunicação	4,43	1,14	0,36	1,66

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2013.

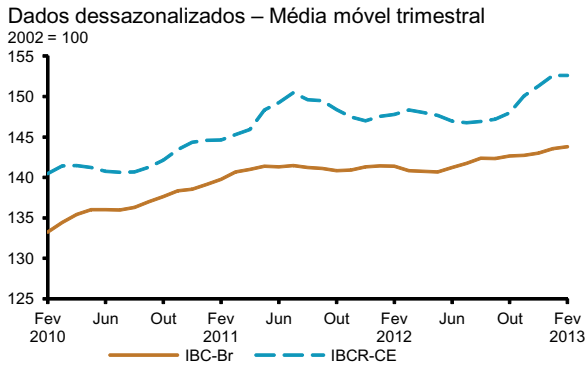
da energia elétrica residencial, 18,78%, mais do que compensando os aumentos da gasolina e do óleo diesel, 4,32% e 9,88%, respectivamente. A evolução dos preços livres refletiu, especialmente, o comportamento dos itens não comercializáveis, com variação de 4,60%, decorrente da pressão altista exercida pelos itens dos grupos alimentação, 5,74%, em especial dos *in natura*, que variaram 29,36% no período, e educação, 7,25%. O índice de difusão atingiu 68,5% no trimestre encerrado em março, 2,4 p.p acima do verificado no trimestre encerrado em dezembro/2012.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA registrou variação de 7,27% em março frente a 6,21% no equivalente em dezembro de 2012. Esse desempenho expressa a maior variação dos preços livres, de 6,48% para 8,53%, destacando-se o aumento dos preços da farinha de mandioca, 150,69%, e a desaceleração dos preços monitorados de 5,25% para 3,06%.

A evolução dos principais indicadores da economia baiana sugere a continuidade da expansão da atividade econômica do estado em 2013, baseada no desempenho da indústria de transformação e do comércio. Contribuem, ainda, de forma destacada nesse cenário, os investimentos privados e públicos em infraestrutura em andamento no estado.

## Ceará

**Gráfico 2.10 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Ceará**



**Gráfico 2.11 – Comércio varejista – Ceará**



Fonte: IBGE

**Tabela 2.20 – Comércio varejista – Ceará**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012	2013		12 meses
		Ano	Nov <sup>1/</sup>	
Comércio varejista	9,6	1,2	-0,7	9,1
Combustíveis e lubrificantes	22,3	1,7	5,8	22,8
Hiper e supermercados	7,5	-0,2	-3,8	6,8
Móveis e eletrodomésticos	22,0	1,1	-2,8	20,0
Art. farm. médicos, ortopédicos	13,2	4,2	9,5	15,4
Comércio ampliado	9,1	-6,2	-2,5	8,5
Automóveis e motocicletas	6,8	-15,2	-0,4	6,1
Material de construção	15,8	0,2	3,3	15,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia do Ceará cresceu 3,7% em 2012, de acordo com o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), reflexo de expansões de 5,8% do setor de serviços e de 2,6% da indústria, enquanto a atividade agropecuária recuou 20,1%. Na margem, o IBCR-CE indica continuidade do crescimento, registrando variação de 1,7% no trimestre encerrado em fevereiro em relação ao período terminado em novembro, quando alcançara 2,2%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados isentos de sazonalidade.

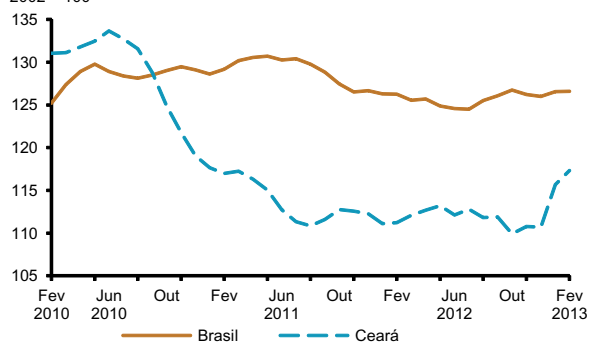
As vendas do comércio varejista contraíram 0,7% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando haviam aumentado 1,2%, nessa base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Destaquem-se as elevações nas vendas de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 9,5%, e combustíveis e lubrificantes, 5,8%. Incorporadas as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, que apresentaram variações respectivas de -0,4% e 3,3%, o comércio ampliado no estado diminuiu 2,5% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, as vendas no varejo registraram incremento de 9,1% em fevereiro, em relação a igual intervalo de 2012, ante 9,4% em novembro, assinalando-se os aumentos nos segmentos de combustíveis e lubrificantes, 22,8%, e de móveis e eletrodomésticos, 20%. Agregando-se a comercialização de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, com elevações respectivas de 6,1% e 15,6%, na ordem, o comércio ampliado expandiu 8,5% no período.

A produção industrial do Ceará cresceu 5,9% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, quando recuara 0,9%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve crescimentos em sete das dez atividades pesquisadas, destacando-se os relativos a refino de petróleo e álcool, 22,2%, vestuário e acessórios, 7,8%, e produtos químicos, 6,6%.

Em doze meses até fevereiro, a produção da indústria cearense aumentou 1% em relação a igual intervalo do ano anterior, após redução de 1,6% até novembro de 2012, destacando-se os crescimentos nos segmentos de metalurgia básica, 15,7%, de refino de petróleo e álcool, 14,7%, e de minerais não metálicos, 11,5%.

**Gráfico 2.12 – Produção industrial – Ceará**  
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.21 – Produção industrial – Ceará**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2012		2013
		Nov <sup>2/</sup>	Fev <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	-0,9	5,9	1,0
Alimentação e bebidas	34,5	-6,4	2,5	2,7
Calçados e artigos de couro	15,4	11,2	-0,4	8,0
Têxtil	14,9	16,9	2,2	2,9
Produtos químicos	12,5	-5,6	6,6	-9,1

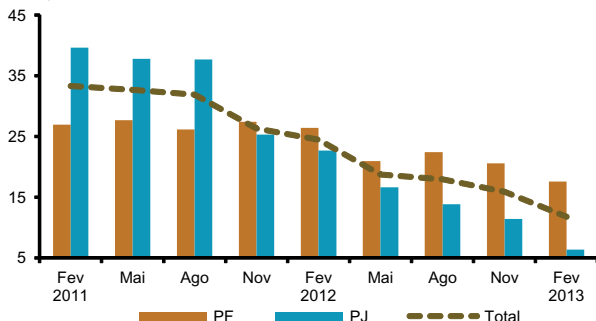
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará<sup>1/</sup>**

Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

**Tabela 2.22 – Necessidades de financiamento do Estado do Ceará e seus principais municípios<sup>1/</sup>**

	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2011	2012	2011	2012
	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez	Jan-dez
Estado do Ceará	-390	616	256	348
Governo estadual	-205	600	257	340
Capital	-8	126	0	11
Demais municípios	-177	-110	-2	-4

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

O faturamento real da indústria de transformação cearense cresceu 10,1% no período de doze meses encerrado em fevereiro deste ano, em relação a igual intervalo de 2012, após expansão de 7,1% em novembro, de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi), da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec). Na mesma base de comparação, houve reduções no pessoal empregado, 0,6%, e nas horas trabalhadas, 0,5%, enquanto a remuneração real cresceu 2,7%. O Nuci médio atingiu 82,3% em fevereiro, ante 85,7% em igual mês de 2012.

O volume das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$44 bilhões em fevereiro, registrando expansão de 4,1% no trimestre e de 16,7% nos últimos doze meses. A carteira do segmento pessoas jurídicas totalizou R\$22 bilhões, com variações de 4,5% no trimestre e de 14,9% em doze meses até fevereiro, especialmente as contratações de operações destinadas aos setores de geração e transmissão de energia elétrica, e à construção civil. O saldo de operações no segmento de pessoas físicas atingiu R\$22 bilhões, elevando-se 3,7% no trimestre e 18,6% em doze meses, concentrando-se nos recursos direcionados às modalidades crédito consignado, financiamentos habitacionais e aquisição de automóveis.

A inadimplência atingiu 4,2% em fevereiro, diminuindo 0,05 p.p. em relação à observada em novembro e mantendo-se estável em doze meses. O comportamento no trimestre refletiu a redução de 0,18 p.p. no segmento de pessoas físicas e do aumento, 0,09%, no relativo a pessoas jurídicas, com taxas situando-se, na ordem, em 5,6% e 2,9%.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios do Ceará apresentaram *deficit* primário de R\$616 milhões em 2012, ante *superavit* de R\$390 milhões no ano anterior, refletindo, principalmente, as reversões nos resultados dos governos estadual e da capital – *superavits* respectivos de R\$205 milhões e R\$8 milhões em 2011, para *deficits* de R\$600 milhões e R\$126 milhões em 2012, na ordem. O *superavit* dos demais municípios recuou 34,8% no ano.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$348 milhões, expansão de 35,9% no ano, impactando o resultado nominal deficitário de R\$963 milhões em 2012, após alcançar *superavit* de R\$135 milhões no ano anterior.

A dívida líquida do estado e de seus principais municípios aumentou 49,2% no ano, totalizando R\$3,3

**Tabela 2.23 – Dívida líquida e necessidades de financiamento do Estado do Ceará e seus principais municípios<sup>1/</sup>**

	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup>	
	2011	Nominal		Outros <sup>4/</sup>	2012	
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>	Dez	
Estado do Ceará	2 220	616	348	963	129	3 313
Governo estadual	2 432	600	340	941	136	3 508
Capital	17	126	11	137	-6	147
Demais municípios	-228	-110	-4	-114	0	-342

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

**Tabela 2.24 – Produção agrícola – Ceará**

Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas			
	Peso <sup>1/</sup>	Produção <sup>2/</sup>		Var. %
	(%)	2012	2013	2013/2012
Produção de grãos		232	1 143	393,2
Milho	20,25	123	799	552,0
Feijão	19,14	53	246	367,5
Arroz (em casca)	2,30	51	82	59,9
Outras lavouras selecionadas				
Banana	9,75	416	523	25,8
Mandioca	6,86	469	830	77,1
Castanha-de-caju	5,61	39	165	328,4

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

**Tabela 2.25 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará			Brasil
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	329	276	-16,2	-7,7
Básicos	82	64	-21,8	-8,4
Industrializados	247	212	-14,3	-7,1
Semimanufaturados	83	60	-28,0	-3,4
Manufaturados <sup>1/</sup>	164	152	-7,3	-8,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 2.26 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará			Brasil
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	608	802	31,9	6,3
Bens de capital	136	127	-6,8	5,3
Matérias-primas	356	411	15,6	3,9
Bens de consumo	40	42	3,2	-5,1
Duráveis	19	18	-3,9	-14,0
Não duráveis	21	23	9,7	5,9
Combustíveis e lubrificantes	76	222	192,9	29,2

Fonte: MDIC/Secex

bilhões em dezembro de 2012, com expansão de 44,3% na registrada na esfera do governo estadual. A participação do Ceará no endividamento regional aumentou de 6,8%, em 2011, para 8,8%, em 2012.

De acordo com o LSPA de março, do IBGE, a safra de grãos do estado deverá alcançar 1,1 milhão de toneladas em 2013, elevação de 393,2% em relação a 2012, ano em que a produção agrícola foi impactada pela seca. Esse resultado incorpora projeções de expansão nas culturas de milho, 552%, e feijão, 367,5%, as quais representam 91% do total da safra estadual. Em relação a outras culturas relevantes para o estado, assinala-se o aumento estimado na produção de castanha de caju, 328,4%, destinada em grande parte à exportação.

A balança comercial do Ceará, de acordo com estatísticas do MDIC, foi deficitária em US\$526 milhões no primeiro trimestre de 2013, ante *deficit* US\$279 milhões em igual período de 2012, resultado de expansão de 31,9% nas importações e contração de 16,2% nas exportações, que totalizaram, respectivamente, US\$802 milhões e US\$276 milhões no período.

O resultado das vendas externas refletiu reduções de 9,6% nos preços e de 7,2% no *quantum*, e traduziu retrações em todas as categorias de fator agregado. Os embarques de produtos semimanufaturados recuaram 28% no período, com ênfase nas quedas relativas ao item couros e peles, 13,5%, e a ceras vegetais, 48,8%, enquanto as exportações de manufaturados diminuíram 7,3%, traduzindo recuo o comportamento de calçados, suas partes e componentes, 21,5%. Os embarques de produtos básicos diminuíram 21,8% no período, influenciados, sobretudo, pela redução nas vendas de castanha de caju, 41,2%. As exportações cearenses se destinaram, principalmente, aos EUA, 17,8% do total dos embarques, Argentina, 8,3%, Alemanha, 8,2%, Holanda, 8%, e Itália, 5,4%.

Nos três primeiros meses deste ano, o desempenho das importações cearenses traduziu a redução de 6,8% nos preços e a expansão de 41,5% na quantidade importada, em relação a igual período de 2012. As aquisições de combustíveis, evidenciando aumento de 317% nas compras de gás natural liquefeito (GNL), principal item da categoria, cresceram 192,9%, enquanto as relativas a bens intermediários, influenciadas pelo avanço de 61,2% nas importações de outros trigos para não semeadura, aumentaram 15,6%. As compras de bens de capital diminuíram 6,8% no período, impactadas pela retração de 48,8% nas aquisições

de litorinas, tipo de vagão férreo próprio para condução turística. As importações de bens de consumo não duráveis aumentaram 9,7%, enquanto as compras de bens duráveis diminuíram 3,9% no período, com ênfase no decréscimo de 34,7% nas relativas a partes e acessórios de motocicletas (incluindo os ciclomotores). Os principais países de origem das importações no primeiro trimestre de 2013 foram China, Trinidad e Tobago, Argentina, EUA e Noruega, que juntos representaram 61,1% do total das aquisições externas do estado.

O mercado de trabalho formal cearense reduziu, de acordo dados do MTE divulgados pelo Caged, em 6,9 mil o número de empregos no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, ante eliminação de 5,6 mil em igual período do ano anterior. O resultado do trimestre refletiu, especialmente, o menor dinamismo no comércio e no setor de serviços, responsáveis, em conjunto, pela eliminação de 2,2 mil vagas, ante a criação de 5,4 mil postos no trimestre finalizado em fevereiro de 2012.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal no Ceará cresceu 0,7% no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, em relação ao finalizado em novembro de 2012. Na mesma base de comparação, registraram-se aumentos em seis das oito atividades pesquisadas, com ênfase no crescimento de 2,2% assinalado na agropecuária.

O IPCA da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) variou 2,36% no trimestre encerrado em março, ante 2,88% no finalizado em dezembro de 2012, resultado da desaceleração dos preços livres, de 3,51% para 2,83%, e da manutenção da inflação no âmbito dos monitorados, em 0,47%.

Nos itens com preços livres, a variação dos preços de comercializáveis atingiu 0,77% ante 3,51% no trimestre anterior, assinalando-se as reduções registradas no grupo vestuário, 3,64%, e nos itens arroz, 3,39%, e açúcares e derivados, 3,21%. Os preços dos itens não comercializáveis elevaram-se 5,42%, ante 3,49%, impactados pelos aumentos em tubérculos, raízes e legumes, 52,62%, em frutas, 16,70%, e em hortaliças e verduras, 11,49%. A trajetória dos preços monitorados respondeu, em maior medida, aos aumentos nos itens: ônibus urbano, 10%, gás de botijão, 6,79%, óleo diesel, 5,86%, e gasolina, 5,35%, compensados pela redução dos custos da energia elétrica residencial, 17,97%, e dos preços das passagens em ônibus interestaduais, 10,17%. O índice de difusão do IPCA, sugerindo menor disseminação do

**Tabela 2.27 – Evolução do emprego formal – Ceará**

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2012				2013
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	-5,6	1,4	15,7	17,2	-6,9
Indústria de transformação	-5,5	-1,2	4,5	4,3	-1,1
Serviços ind. de utilidade pública	0,0	0,0	0,0	-0,2	0,1
Construção civil	-2,0	-2,0	0,5	-1,0	-1,8
Comércio	1,2	0,6	1,8	8,3	-0,9
Serviços	4,2	4,4	5,8	5,7	-1,2
Agropecuária	-3,4	-0,6	2,9	0,8	-2,4
Outros <sup>2/</sup>	0,0	0,2	0,4	-0,5	0,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

**Tabela 2.28 – IPCA – Fortaleza**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %		
		2012	2013	
		Ano	I Tri	12 meses
IPCA	100,0	6,70	2,36	8,10
Livres	80,1	8,33	2,83	10,11
Comercializáveis	44,0	6,54	0,77	7,44
Não comercializáveis	36,1	10,69	5,42	13,53
Monitorados	19,9	0,69	0,47	0,64
Principais itens				
Alimentação	32,1	13,29	5,50	18,17
Habitação	13,0	2,48	-1,53	-0,06
Artigos de residência	4,6	-1,91	1,81	0,03
Vestuário	7,7	4,46	-3,64	2,77
Transportes	16,5	0,83	3,31	2,65
Saúde	9,6	5,66	1,74	6,16
Despesas pessoais	8,7	12,74	1,42	13,25
Educação	4,1	9,08	5,52	7,15
Comunicação	3,8	1,20	-0,04	1,59

Fonte: IBGE

1/Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

processo inflacionário no estado, atingiu 59,92% no trimestre finalizado em março, ante 64,32% naquele encerrado no final de 2012.

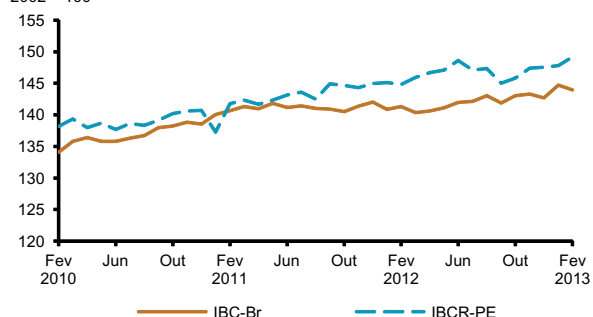
A trajetória dos principais indicadores da economia cearense corrobora expectativas favoráveis ao seu desempenho em 2013. Nesse sentido, além da retomada do crescimento na indústria, o mercado de trabalho e os programas sociais do governo federal deverão contribuir para a continuidade do fortalecimento do mercado interno. As perspectivas de crescimento da economia em 2013 baseiam-se, ainda, na trajetória da indústria de turismo, estimulada por incentivos governamentais e pela realização da copa das confederações em junho, além da intensificação das demais obras de infraestrutura em curso na região.

## Pernambuco

**Gráfico 2.14 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Pernambuco**

Dados dessazonalizados

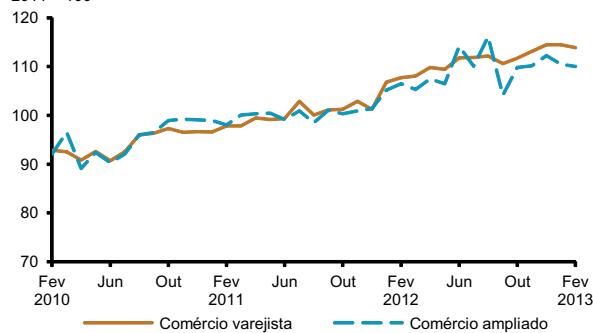
2002 = 100



**Gráfico 2.15 – Comércio varejista – Pernambuco**

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.29 – Comércio varejista – Pernambuco**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012		2013	
	Ago <sup>1/</sup>	Nov <sup>1/</sup>	Fev <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	2,6	-0,1	2,2	10,1
Combustíveis e lubrificantes	-3,0	0,7	1,7	3,6
Hiper e supermercados	2,2	-2,4	-2,1	5,7
Tecidos, vestuário e calçados	2,3	0,0	10,0	9,9
Móveis e eletrodomésticos	3,0	1,3	3,1	13,1
Comércio ampliado	6,6	-4,8	2,7	8,8
Automóveis e motocicletas	21,1	-19,9	2,2	4,1
Material de construção	2,0	1,8	3,0	17,1

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB de Pernambuco em 2012 cresceu 2,3%, de acordo com dados preliminares da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem), enquanto o IBCR-PE se elevou 2,9%, no mesmo período. Resultados do Condepe/Fidem indicam crescimento de 3,7% no setor industrial, favorecido por expansão de 8,3% na construção civil, e de 2,7% no setor de serviços. Na margem, o nível de atividade, conforme o IBCR-PE, aumentou 1,4% no trimestre encerrado em fevereiro de 2013, revertendo a trajetória de contração de 1,1% ocorrida no trimestre finalizado em novembro, considerando dados com ajuste sazonal.

As vendas varejistas do estado cresceram 2,2% no trimestre encerrado em fevereiro, segundo dados com ajuste sazonal da PMC/IBGE, comparativamente ao trimestre encerrado em novembro, quando diminuíra 0,1%. Houve redução apenas no segmento de hiper e supermercados, de 2,1%, com os demais apresentando expansão, especialmente tecidos, vestuário e calçados, 10,0%. O comércio ampliado registrou alta de 2,7%, influenciado principalmente pelo crescimento de 3,0% no comércio de materiais de construção.

Nos doze meses encerrados em fevereiro de 2013, em comparação com o mesmo período do ano anterior, o comércio varejista e o comércio ampliado de Pernambuco cresceram, respectivamente, 10,1% e 8,8%, com ênfase para os segmentos de material de construção, 17,1% e móveis e eletrodomésticos 13,1%.

A produção industrial do estado avançou 3,1% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao finalizado em novembro, recuperando parcialmente a contração observada no trimestre anterior, de 5,6%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF/IBGE. O resultado foi favorecido pelas expansões de minerais não metálicos, 5,5%, química, 5,0% e alimentação e bebidas, 4,4%. O nível de utilização de capacidade instalada (Nuci) passou de 71,5% para 73,3% na mesma base de comparação, de acordo com dados da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe), aproximando-se do nível médio do período a partir do início do ano de 2003, 73,9%.

Considerados intervalos de doze meses, a indústria contraiu 0,4% em fevereiro, registrando reduções de 5,4% na indústria química e de 2,2% na de alimentos e bebidas, parcialmente compensadas pela elevação de 5,4% em metalurgia básica.



**Tabela 2.30 – Produção industrial – Pernambuco**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos <sup>1/</sup> 2012	2013		Acum. 12 meses
		Nov <sup>2/</sup>	Fev <sup>2/</sup>	
Indústria geral	100,0	-5,6	3,1	-0,4
Alimentação e bebidas	37,3	-5,5	4,4	-2,2
Metalurgia básica	14,5	-1,5	2,1	5,4
Química	14,0	-9,4	5,0	-5,4
Minerais não metálicos	7,8	-5,7	5,5	0,4

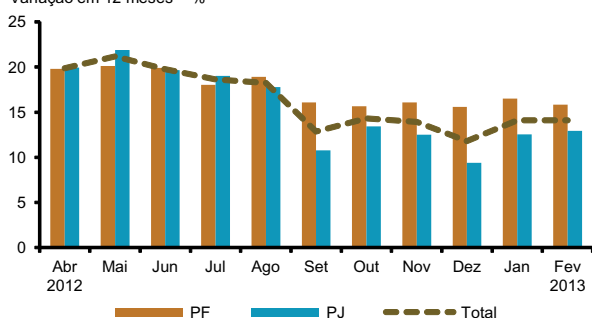
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 2.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

**Tabela 2.31 – Necessidades de financiamento – Pernambuco<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2011 Jan-dez	2012 Jan-dez	2011 Jan-dez	2012 Jan-dez
Estado de Pernambuco	-417	600	320	712
Governo estadual	-78	460	323	712
Capital	-200	48	-2	-0
Demais municípios	-139	92	-1	0

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

**Tabela 2.32 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Pernambuco<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida 2011 Dez	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup> 2012 Dez	
		Nominal	Outros <sup>4/</sup>			
	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>			
Estado de Pernambuco	3 978	600	712	1311	136	5 425
Governo estadual	4 030	460	712	1171	135	5 336
Capital	239	48	-0	48	1	288
Demais municípios	-291	92	0	92	0	-199

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil, realizadas no estado, somaram R\$66,4 bilhões em fevereiro, elevando-se 1,3% no trimestre e 14,1% em doze meses. No segmento de pessoas físicas o saldo alcançou R\$26,7 bilhões, com aumentos de 2,5% e 15,9% nas bases de comparação mencionadas. O segmento de pessoas jurídicas atingiu saldo de R\$39,6 bilhões, elevação de 0,4% no trimestre e de 12,9% em doze meses. A taxa de inadimplência nas operações de crédito situou-se em 3,05% em fevereiro, ante 3,03% em novembro, refletindo a elevação de 0,07 p.p., para 1,42%, no segmento de pessoas jurídicas e a retração de 0,09 p.p., para 5,48%, no de pessoas físicas.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios pernambucanos apresentaram *deficit* de R\$600 milhões em 2012, após *superavit* R\$417 milhões em 2011. Contribuíram para esse resultado os *deficits* R\$460 milhões do governo do estado, de R\$48 milhões o da capital e de R\$92 milhões, os dos principais municípios, após *superavits* de R\$78 milhões, de R\$200 milhões e de R\$139 milhões, na ordem, em 2011.

A arrecadação do governo do estado cresceu 8,9% no ano, assinalando-se as elevações nas receitas associadas ao ICMS, 7,8%, e as receitas previdenciárias, 17,8%. As despesas correntes cresceram 12,5%, com os gastos com pessoal e encargos elevando-se 13,8%. Os juros nominais, apropriados por competência, expandiram-se 122,5% no ano, resultando em *deficit* nominal de R\$1,2 bilhão.

A dívida líquida do governo do estado e principais municípios de Pernambuco somaram R\$5,4 bilhões em dezembro de 2012, com elevação de 36,4%, em relação a dezembro do ano anterior, o que ampliou a sua participação no endividamento do Nordeste, de 12,1%, ao final de 2011 para 14,5%. Note-se que 98,4% dessa dívida é responsabilidade do governo do estado.

O LSPA de março, do IBGE, estima a recuperação na produção de grãos em 2013, apontando crescimento de 364,3% relativamente ao ano anterior. O Levantamento prevê, ainda, aumento na produção de cana de açúcar para o ano em curso de 3,0%, resultante do aumento de 2,0% no rendimento e de 1,1% da área colhida. Nas demais culturas consideradas no LSPA destacam-se o crescimento estimado para as colheitas da mandioca, 53,6%, e banana, 39,7%, e a redução na produção de tomate, 20,8%.

A balança comercial pernambucana foi deficitária em R\$2,0 bilhões no primeiro trimestre de 2013, de acordo

**Tabela 2.33 – Produção agrícola – Pernambuco**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação %
		2012	2013 <sup>2/</sup>	
<b>Grãos</b>				
Feijão	4,3	18	92	404,9
Milho	1,0	18	131	628,5
<b>Outras lavouras</b>				
Cana-de-açúcar	44,3	14 242	14 676	3,0
Uva	18,8	225	234	4,0
Banana	7,2	408	569	39,7
Mandioca	4,5	342	525	53,6
Tomate	3,7	100,4	79,6	-20,8

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2013.

**Tabela 2.34 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total <sup>1/</sup>	645	215	-66,7	-7,7
Básicos	10	10	-1,8	-8,4
Industrializados	635	205	-67,7	-6,9
Semimanufaturados	91	78	-14,0	-3,4
Manufaturados	544	127	-76,7	-8,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 2.35 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	1 462	2 166	48,1	6,3
Bens de consumo	162	163	0,8	-5,1
Duráveis	79	82	4,8	-14,0
Não duráveis	83	81	-3,0	5,9
Bens intermediários	487	551	13,1	3,9
Bens de capital	191	156	-18,4	5,3
Combustíveis e lubrificantes	623	1296	108,3	29,2

Fonte: MDIC/Secex

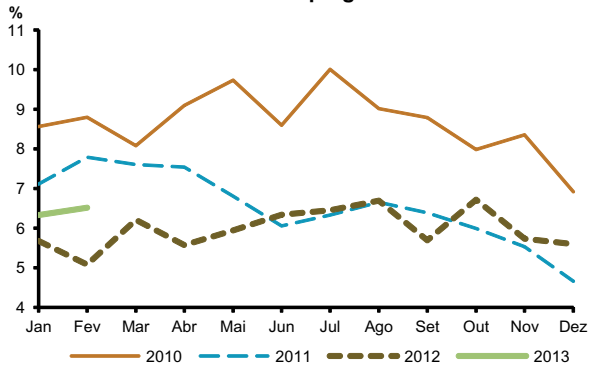
com o MDIC, representando aumento de 138,8% com relação ao registrado no mesmo período do ano anterior. Enquanto as exportações contraíram 67,7%, as importações avançaram 48,1%, atingindo R\$215 milhões e R\$2,2 bilhões, na ordem.

O desempenho das exportações resultou de contração de 65,1% no *quantum* e de 4,7% nos preços. Houve redução em todos os fatores agregados, com destaque para os industrializados, que contraíram 67,7%, enquanto os produtos básicos permaneceram praticamente estáveis, com queda de 1,8%. O recuo nas exportações de industrializados reflete a elevada base do primeiro trimestre de 2012 devido à venda de plataforma de petróleo. Estados Unidos, Portugal, Líbia, Argentina e Nigéria, nessa ordem, constituíram os principais destinos das exportações e representaram, em conjunto, 55,2% do volume embarcado no primeiro trimestre de 2013.

O aumento das importações no estado decorreu da ampliação de 50,9% no *quantum*, e da queda de 1,8% nos preços. Esse desempenho foi determinado, principalmente, pela elevação de 108,3% nas compras externas de combustíveis e lubrificantes, impactadas pelo aumento de 149,4% nas compras de óleo diesel para abastecimento de usinas termoeletricas. Assinale-se também o crescimento de 0,8% das compras de bens de consumo e 13,1% nas de matérias-primas, parcialmente compensado pelos recuos de 18,4% nas aquisições de bens de capital. Estados Unidos, Argentina, Holanda e China responderam por 55,8% das importações do estado no trimestre.

De acordo com os dados do Caged/MTE, o mercado de trabalho formal do estado diminuiu em 25,5 mil os postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro, ante 7,5 mil no mesmo período de 2012, desempenho atribuído, em parte, aos efeitos da estiagem sobre a agroindústria sucroalcooleira. Registre-se, também, o impacto dessa agroindústria, que influenciou, por meio do segmento alimentos e bebidas, as demissões líquidas na indústria de transformação, 15,7 mil, e na agropecuária, 5,3 mil. Houve redução de postos de trabalho nos setores de comércio e serviços, totalizando, em conjunto, 5,6 mil. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal recuou 1,8% no trimestre encerrado em fevereiro deste ano, em relação ao terminado em novembro de 2012, quando crescera 0,2%.

De acordo com a PME/IBGE, a taxa média de desemprego na RMR situou-se em 6,2% no trimestre finalizado em fevereiro, ante 5,1% em igual trimestre do ano

**Gráfico 2.17 – Taxa de desemprego aberto – Recife**

Fonte: IBGE

**Tabela 2.36 – Evolução do emprego formal – Pernambuco**

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2012		2013		
	Fev	Mai	Ago	Nov	Fev
Total	-7,5	-5,6	22,0	23,5	-25,5
Indústria de transformação	-9,2	-18,0	8,6	14,5	-15,7
Comércio	-1,8	1,9	0,7	9,0	-3,1
Serviços	7,2	6,6	2,3	2,9	-2,5
Construção civil	2,3	4,5	2,0	-0,5	0,5
Agropecuária	-6,1	-0,6	8,6	-1,9	-5,3
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,1	-0,4	-0,6	0,5
Outros <sup>2/</sup>	0,0	-0,1	0,1	0,0	0,0

Fonte: MTE

<sup>1/</sup> Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.<sup>2/</sup> Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.**Tabela 2.37 – IPCA – Recife**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2012		2013	
		II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
IPCA	100,0	1,34	1,48	2,03	2,27
Livres	78,7	1,24	1,84	2,41	3,02
Comercializáveis	40,5	0,52	1,65	2,37	1,90
Não comercializáveis	38,2	2,03	2,06	2,45	4,24
Monitorados	21,3	1,67	0,22	0,72	-0,43
Principais itens					
Alimentação	26,9	2,43	3,73	3,73	5,79
Habitação	13,0	2,32	0,83	1,39	-1,27
Artigos de residência	5,2	-1,34	-0,37	2,21	2,09
Vestuário	7,8	1,29	0,71	1,49	0,09
Transportes	15,7	-0,84	-0,05	1,07	1,60
Saúde	12,5	1,74	1,25	1,30	1,61
Despesas pessoais	9,8	2,65	2,21	2,71	1,54
Educação	4,7	0,21	0,69	0,33	5,27
Comunicação	4,3	1,12	-0,20	0,94	-0,79

Fonte: IBGE

<sup>1/</sup> Referentes a março de 2013.

anterior. Considerados dados dessazonalizados, o desemprego aumentou 0,2 p.p. em relação ao trimestre anterior, resultado de variações negativas de 0,8% na população ocupada e de 0,6 da PEA. Os rendimentos médios habituais reais recebidos pelas pessoas ocupadas, que diminuíram 0,7% no trimestre, acumularam alta de 7,4% na média dos últimos 12 meses em relação ao mesmo período anterior.

O IPCA da RMR variou 2,27% no primeiro trimestre de 2013, após crescimento de 2,03% no trimestre anterior. Essa trajetória refletiu a aceleração dos preços livres, de 2,78% para 3,02%, enquanto os preços monitorados recuaram 0,43% no período, repercutindo as reduções nos preços da energia elétrica residencial, 17,47%, do ônibus interestadual, 1,38%, e de produtos farmacêuticos, 0,50%.

O comportamento dos preços livres foi influenciado pela aceleração, de 2,45% para 4,24%, nos preços dos bens não comercializáveis, com ênfase para o incremento nos itens tubérculos, raízes e legumes, 42,45%, alimentação fora do domicílio, 2,75% e aluguel residencial, 6,07%. Os bens comercializáveis variaram 1,90% no trimestre, abaixo dos 2,37% do trimestre anterior. Nessa categoria, destacam-se as expansões de 14,33% nos preços do frango, 3,16%, nos de cuidados pessoais, e 3,90% nos de leites e derivados, compensados parcialmente pelas reduções de 9,39% nos preços dos aparelhos telefônicos e de 0,97% nos de carnes *in natura*.

O índice de difusão do IPCA indicou maior disseminação nos reajustes de preços no estado e atingiu, em média, 70,7% no trimestre encerrado em março, ante 68,1% naquele terminado em dezembro.

Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA da RMR alcançou 7,30% em março, ante 6,79% em dezembro. Os preços monitorados, que haviam elevado 5,52% em 2012, desaceleraram para 2,18% nos doze meses encerrados em março, realçando-se o impacto da redução da energia elétrica residencial, 13,43% e do telefone fixo, 1,77%, enquanto planos de saúde e gasolina apresentaram aumentos respectivos de 8,05% e 6,31%. Os preços livres aceleraram, de 7,12% no ano de 2012 para 8,77% em doze meses até março, com destaque para elevação nos preços de alimentação fora do domicílio, 11,38%, tubérculos, raízes e legumes, 79,65%, e aluguel residencial, 12,62%.

Os indicadores da conjuntura recente sinalizam fase de acomodação da economia pernambucana, em relação

ao desempenho exibido nos últimos anos, embora na margem o IBCR-PE aponte recuperação. Tal contexto está condicionado pela frágil demanda do setor externo, pelos efeitos da intensa seca na região e pela estabilização dos fluxos de investimento, que têm se concentrado em obras de construção civil, na implantação dos projetos e na geração de infraestrutura e de imóveis residenciais. Contudo, os anúncios de vários projetos adicionais sugerem a retomada do crescimento econômico em ritmo mais acelerado.